

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón**  
**Milão, 26 de Fevereiro de 2014**

*Texto de referência: L. Giussani, «A concepção que Jesus tem da vida», in Na origem da pretensão cristã, Tenacitas, 2012, págs. 107-119.*

- *Parsifal (Canção do ideal)*
- *Witness*

*Glória*

Tínhamo-nos colocado uma pergunta para o nosso trabalho: «Quem é Jesus?». O que é que ficámos a conhecer melhor de Jesus ao trabalharmos sobre o oitavo capítulo? Esta não é uma pergunta retórica, que se faz no início e depois é esquecida, porque todo o capítulo fala desta pergunta, não há uma única linha que não fale desta pergunta. Ao mesmo tempo, não volto apenas a lançar a pergunta, como dobro a dose: de que forma é que o trabalhar este capítulo, e aquilo que conhecemos de Jesus, nos permite encarar e ajuizar os desafios que se abrem diante de nós, que a sociedade, a cultura, a legislação abrem diante dos nossos olhos? É possível estar dentro das circunstâncias, dentro destes desafios, com toda a dramaticidade que estas questões introduzem na vida, com a luz que irradia da Escola de Comunidade? Ou a Escola de Comunidade, no fundo, é uma coisa intimista, que não serve para enfrentar os grandes desafios antropológicos e éticos que a sociedade debate hoje em dia? São as perguntas a que temos de responder a partir da segunda parte do capítulo, tal como fizemos com a primeira parte.

Começo com uma pergunta que me foi feita: «Impressionou-me muito a pergunta que fizeste várias vezes na Escola de Comunidade: como é que respondemos à pergunta “Quem é Jesus?”; como é que cada um de nós, ao longo destes meses, respondeu à pergunta “Quem é Jesus?” [não em abstracto, partindo deste ou daquele facto, mas concretamente fazendo a Escola de Comunidade]. Cada vez que a fazias, sentia um sobressalto no coração e desejava, com toda a minha pessoa, tentar dar uma resposta. Falo muitas vezes de Jesus, falo com Jesus, mas não fui capaz de responder a esta pergunta, e isto não me deixa sossegada. Ao longo deste ano, vi-O muitas vezes em acção, reconheci-O e experimentei-O... ao princípio, de facto, era muito cínica e titubeante, mas dizendo-Lhe “Sim”, é-se mais feliz. Intuo que a minha felicidade consiste em abandonar-me a Ele, mas no momento em que não sei responder à pergunta “Quem é Jesus?”, como é que tudo o resto pode ter um fundamento, um sentido?».

O mesmo me diz outra pessoa: «Saí da Escola de Comunidade espantada com a pergunta sintética que nos fizeste no fim: “este capítulo deve fazer surgir em nós a pergunta “quem é Jesus?” e se o estamos a conhecer melhor”. Parece uma pergunta quase elementar, mas a resposta não me vinha à cabeça [e no entanto, é a primeira pergunta que Giussani faz! Vejam como é possível fazer a Escola de Comunidade descurando a chave de leitura do capítulo. Por isso, se não levarmos a sério esta chave, podemos dizer coisas até muito bonitas sobre o capítulo, mas este não aconteceu tal como *don* Giussani o concebeu]. Estava totalmente fragmentada na tentativa de perceber cada passagem do capítulo e parecia-me até a confrontar-me com ela, mas a tua pergunta é a pergunta que me volta a colocar num diálogo amoroso. Perguntava-me, no regresso a casa: “quem és tu, Jesus, para mim”. Lancei a pergunta na esperança de a ver na realidade. O nosso grupinho da Escola convidava-nos a prepararmo-nos tendo presentes estas tuas palavras: “não é o raciocínio abstracto que faz crescer, que alarga a mente, mas o encontrar na humanidade um momento de verdade alcançada e dita”. Voltei ao mesmo ponto. Nisso sou especialista! Sinceramente, eu faço a Escola de Comunidade, mas quantas vezes me perco em raciocínios perfeitos que me afastam. Mas onde é que eu estou? É terrível não ter um olhar sério e amoroso sobre mim mesma, mas acontece muitas vezes. Lia a Escola de Comunidade, lia sobre o olhar com que Jesus me olha e me ama, e ali estava eu a tentar

afastar a tristeza de cima de mim. Encontrava-me triste e “amputada”. Depois um dia aconteceu uma coisa que eu nunca teria podido imaginar. Como todos os dias, a minha filha Letizia, de treze anos, regressou da escola. Sentámo-nos e comemos com os outros irmãos. Estranhamente, ela domina a conversa (geralmente, é bastante calada) e conta que a professora de italiano lhes deu conhecer o poeta Leopardi. Vai ao quarto, traz o livro e lê-nos alguns excertos. Os irmãos mais pequenos fartam-se e vão-se embora. Assim, ela fica com mais espaço para se exprimir. Eu tenho uma grande paixão por ela, tem um temperamento solar, mas também “triste”; muitas vezes, ela é para mim um caminho, tantas são as coisas que aprendi com ela. Em suma, é uma grande sorte tê-la connosco. E assim ela lê, conta em catadupa as coisas ditas na aula. Cita de cor esta frase: “Quem ama muito, mas não é amado, está destinado a viver da falta”. Nesta altura, percebo que o Leopardi explicado não era apenas o do livro *Il sabato del villaggio*, mas que a professora tinha aprofundado alguma coisa sobre o coração de Leopardi. E perguntei-lhe: “Diz-me porque é que gostas tanto e porque é que me estás a falar disto”. Não consigo esquecer, e permeia os meus dias, a resposta que me deu: “Porque ele é triste, e isso faz-me senti-lo próximo; mas ele é demasiado triste. Não se pode viver assim a vida toda. Conto-te a ti porque tu, mãe, és uma grande “brincalhona”, mas eu quando olho para ti penso que tu és tristeza; e isso agrada-me muito”. Fiquei sem palavras. Um pedaço da realidade explicava a própria realidade e do que é que eu sou feita. Tinha encontrado na minha humanidade “um momento de verdade alcançada e dita” que nenhum pensamento perfeito meu tinha sabido reproduzir». Uma mãe dá-se verdadeiramente conta de quem é, de quem é como pessoa, porque se depara com uma filha que a faz perceber as coisas melhor do que todos os seus raciocínios, e isso é possível porque aconteceu alguma coisa à filha para poder olhar assim para a mãe; e a mãe pode sentir-se novamente consciente de si. Porquê? Só o divino salva as dimensões do humano. Podemos reconhecer que estamos a conhecer Cristo, não porque fazemos um discurso sobre Cristo, mas porque nos faz tornarmo-nos nós mesmos.

Uma outra amiga diz-me: como é que a familiaridade com Cristo não é intimismo? «Pergunto-te isto porque o desejo contínuo que tenho desta familiaridade (intuímos que há qualquer coisa nesta familiaridade que é crucial para a vida, mas muitas vezes vem-nos a preocupação, a suspeita de que este falar de Cristo seja intimista, que não seja verdadeiramente real) explica-o bem *don Gius* numa intervenção de 1982 que se intitula, precisamente, *A familiaridade com Cristo*. Ele diz que a familiaridade com Cristo, “é como se tivesse de passar um vento que arrancasse tudo o que somos; então o coração volta a tornar-se livre, ou melhor, torna-se livre: continua a viver na carne, ou seja, engana-se como antes, mas é como se uma outra coisa tivesse entrado no mundo”. Esta é exactamente a maior experiência de liberdade que eu faço. Tenho verdadeiramente necessidade que Ele me liberte do que sou para me renovar como consciência. Todos os dias peço que isto possa reacontecer e não é sempre fácil e imediato, mas não posso deixar de desejá-lo. Dito isto eu, no entanto, não sei o que pedir à companhia (veem em que problemática nos embrenhamos?). Mesmo tendo este desejo sinto-me às vezes tão estranha, até com as pessoas que amo, que me pergunto se não sou eu que estou a fazer a festa e a deitar os foguetes, porque em tantos anos de movimento nunca senti uma estranheza assim. O mais grave é que esta ferida não cicatriza mas aprofunda-se e muitas vezes tenho medo de já ter deixado o movimento. Fazemos gestos belos em que o nosso coração evidentemente está feliz, mas depois parece-me que isto não se torna juízo, um juízo tal que nos faça caminhar mais para aquilo que o nosso coração deseja. Então, pergunto-me: mas a ti como é que a companhia ajuda a este nível de familiaridade com Cristo? Como é que a companhia é caminho para ti?». Ou seja, porque é que a familiaridade com Cristo não significa intimismo? Para mim a companhia ajuda a viver uma familiaridade com Cristo porque me provoca sempre, mesmo quando falta vivê-la na sua verdade, mesmo quando objecta; mesmo quando me deparo com questões que me provocam, a companhia coloca-me sempre em caminho, a procurar. De repente dei-me conta de duas coisas escutando a liturgia (que é uma “escola”). O Evangelho conta de quando Jesus vai a Nazaré e diz que todos ficam espantados: pareceria que a presença de Jesus facilitasse às pessoas entrar nesta familiaridade com Ele e, portanto, no mistério da Sua pessoa. E uma pessoa diria: «Veem? Isto faz-me companhia». Mas o que espanta é que aquela pessoa, que

provoca em mim esse espanto, posso não a seguir para me dar razões adequadas deste espanto; e então, em vez de seguir este espanto para percebê-lo cada vez melhor, começa o retirar-se do empenho com o espanto que me provocou aquela presença, e uma pessoa diz, como refere o evangelho: «Mas não é este o filho do carpinteiro?», é uma pergunta que já tem dentro todo o cepticismo; não é a pergunta daqueles que se aproximavam cada vez mais de Jesus e que diziam: «Mas quem é este? Quem é esta pessoa?» que era uma pergunta verdadeira, porque quanto mais Ele se tornava presente, mais eram incitados a procurá-Lo. Pelo contrário, a outra pergunta, «Mas não é este o filho do carpinteiro?», não é verdadeira. E o texto termina: «E escandalizavam-se com Ele». Aquela companhia era dada para uma familiaridade e para alguns tornou-se obstáculo, um escândalo. Eis a segunda coisa que descobri através da liturgia. A modalidade com que a companhia nos provoca pode ter um rosto totalmente diferente: em vez de um espanto, uma maldição. David regressa da guerra, aparece uma pessoa da tribo de Saul e começa a amaldiçoar David (o rosto da companhia é totalmente outro, aqui é uma maldição, não um espanto), e todos os companheiros de David começam a dizer: «Não podemos continuar a deixar que este cão ladre, vamos acabar com ele». Esta é a reacção: Mas David diz: «Mas se o Senhor lhe disse para ladrar, para me amaldiçoar, se permite amaldiçoar-me, quem somos nós para o impedir?». A companhia, a modalidade pela qual a companhia pode vir ao meu encontro, que me introduz à familiaridade com Cristo, pode ter rostos diversos. O problema é se, diante da modalidade com a qual a companhia vem ao meu encontro, podendo ter um rosto atraente (o espanto), eu me retiro ou se vou ao fundo, mesmo que esse rosto seja de uma maldição, porque tudo é uma provocação para entrar em relação com Ele. Então vejamos, se cada vez que a companhia vem ao nosso encontro com este ou aquele rosto, qualquer que seja o rosto que aparece aos nossos olhos, se é uma provocação: depende se me retiro ou se vou ao fundo, se me empenho até reconhecer a que coisa me introduz. A companhia existe sempre: por vezes tem um rosto, outras vezes tem outro, mas provoca-me sempre. Em muitas ocasiões a companhia torna-O de tal modo presente que me faz comover até às lágrimas, como tantas vezes se mostrava a companhia de Jesus diante daqueles que viam a pesca milagrosa ou a tempestade acalmada. Estava de tal modo presente que se pode dizer ser tudo menos um intimismo. Não existe nenhum intimismo, tem tudo a ver com a relação com a realidade através da qual o Mistério, Cristo, vem ao nosso encontro e então tudo se torna ocasião de relação com Ele. E isto não depende do rosto com o qual vem ao meu encontro, porque o Mistério vem ao meu encontro, chama-me, volta a chamar-me, qualquer que seja a circunstância, como dizia David, até mesmo através de alguém que ladra como um cão. O sujeito que está por detrás do sinal, o rosto que está por detrás do sinal, é sempre o Senhor, mas nós, muitas vezes, retirámo-nos antes de ter tido a possibilidade de o descobrir. Por isso, se não percebermos verdadeiramente que Ele se torna presente seja qual for a modalidade – porque a realidade é Cristo, e tudo o que vem ao meu encontro é sinal dEle – tudo se torna uma objecção e não uma ocasião para entrar na familiaridade com o Mistério.

Quanto mais uma pessoa vive mais se dá conta de que não é humano dar a vida a um todo anónimo, porque o todo a quem damos a vida, a quem respondemos, qualquer que seja a forma como aparece, é uma pessoa, é Deus. Por isso alguém me pergunta: «Desta vez tenho de escrever-te. Penso que o trabalho da Escola de comunidade é uma coisa impressionante pela intensidade dos conteúdos e pela novidade que representa para a minha vida. Neste momento não consigo avançar e parece-me um facto crucial para mim não perceber ao ler a página 122: “Mas não é humano entregarmo-nos a mais do que a uma pessoa, não é humano amar senão uma pessoa [Deus] [...]. Qualquer dever é, portanto, consciência da vontade de Deus”. Não percebi! Não percebi nada! O que quer dizer que Deus é uma Pessoa? O que quer dizer que o “dever” é a consciência da vontade de Deus? O que é que quer dizer que o agir do homem se identifica com a oração?».

Em vez de dar explicações vou responder com um testemunho. «A partir do que me está a acontecer e da Escola de comunidade, lendo o ponto “O dom de si” chamou-me a atenção a parte em que *don Giussani* diz: “A existência humana desenrola-se num serviço ao mundo, o homem completa-se a si mesmo dando-se, sacrificando-se”. E um pouco mais à frente [a felicidade acontece segundo este

paradoxo]: “É assim sublinhado o carácter paradoxal desta lei: a felicidade através do sacrifício. Mas quanto mais se aceita isto, tanto mais se experimenta já neste mundo uma maior realização. Jesus chamava-lhe ‘paz’.” Quanto à primeira parte não tinha objecções mas em relação à segunda havia qualquer coisa que não me soava bem [e conta que se apaixonou, que não foi correspondido e então, depois de muitas tentativas, se zanga, evita os lugares onde poderá encontrá-la porque “longe da vista, longe do coração”; e não sabe como sair disto: como pode dizer que a felicidade pode vir através deste sacrifício que de facto me é pedido? A um certo ponto, em vez de continuar a virar a olhar para o lado ou a fazer todas as tentativas que já tinha feito...]. Voltando para casa depois da Escola de comunidade tentei lembrar-me qual foi a última vez em que fiz experiência de paz e plenitude [em vez de seguir as nossas fantasias, partir, como sempre nos foi ensinado, da experiência: qual foi a última vez em que fiz experiência de paz e plenitude?]. Veio-me à memória quando voltei da Terra Santa em Janeiro. A circunstância não era diferente da que vivo agora: sempre a mesma não correspondência afectiva e o mesmo cansaço, mas eu percebia-me sempre em relação com Ele. Lembro-me no avião olhando para baixo, era noite quando estávamos a aterrar na cidade, via as luzes das casas habitadas e pensava: “Senhor, Tu queres bem a todos eles, a todos nós, fizeste-nos minúsculos, mas queres bem a todos e nós só poderemos viver dentro desta relação contigo.” E em toda esta desproporção que percebia entre Ele e eu havia, no entanto, uma relação presente e vital. Regressando ao esforço quotidiano do estudo e da relação com esta rapariga, percebi que era esta relação [esta relação com a Pessoa de Deus], que permitia tudo, que me libertava da escravidão do “como” e da “forma”, de como conseguia olhar para ela com uma ternura que me espantava de tão grande que era e sentindo-me eu incapaz de a gerar, como quando uma mãe sente o bebé a mexer-se na barriga. É seu, está dentro dela, mas não é seu, não é ela que o faz mover, tem vida própria, é um outro. Assim, aquela ternura por ela, ternura essa que me permitia não a ver nem a ouvir, não para fugir dela, mas porque estava cheio de uma superabundância, e assim aquela curiosidade em estudar tudo sozinho, a paciência em embrenhar-me nos livros e preparar-me para o exame... O que me falta é isto [para viver tudo assim, para que através deste sacrifício possa chegar à felicidade, é isto]. Fazendo memória de quando experimentei esta paz dentro de um sacrifício percebi o que me faltava [E então percebe-se porquê e o que quer dizer que Deus é uma Pessoa]. Falta-me a relação com Ele [com esta Presença], falta-me viver tranquilo na certeza da Sua Presença Encarnada. Só na relação com Ele posso amá-la gratuitamente [Isto – como sabe quem já fez essa experiência – não poderia dizê-lo senão tivesse feito experiência porque de outro modo, como no início, o que predominaria seria o que lhe faltava e a raiva por não poder estar com ela] quer seja a mil quilómetros ou a cinco centímetros de distância, sem ilusão nem dor. Cansado, mas não destruído. Só assim posso afirmar o seu destino, amar o facto que não sou eu o companheiro escolhido por ela. Que, porventura, este companheiro é a pessoa que menos suporte ou menos imagino para ela. Então o sacrifício não é uma derrota, não é uma castração do desejo, mas sim permitir que Ele me tome para Si segundo o Seu desígnio que é o meu verdadeiro bem. E não digo isto por ser a coisa certa a dizer, mas porque até há cerca de um mês atrás isto era experiência. Eu desejo continuar em relação com Ele [veem até que ponto é isto que define a pessoa? Quando nos encontramos dentro de uma relação começamos a perceber quem é Deus como Pessoa]. E neste momento em que não vivo plenamente esta relação sinto-me verdadeiramente órfão». É tão real que quando nós cortamos esta relação somos como uma criança que presente toda a falta, sente-se órfão. Mas como é que esta relação pode ser alimentada? A resposta está na experiência que ele contou: só voltando a reconhece-Lo como ele O tinha reconhecido antes, porque sabe que Ele existe e portanto pode abrir-se constantemente a esta Sua presença. Podemos continuar a ler outros contributos mas muitas vezes, como veem, sem que muitas vezes estas coisas respondam à pergunta. São todas respostas verdadeiras, oferecem luzes que podem ser significativas, mas que não respondem à pergunta do capítulo: como é que este capítulo responde à pergunta " Quem é Jesus?", em que é que se vê no conjunto do capítulo, no capítulo como um todo? Por isso quero ler um trecho que pode ajudar a perceber o nexo de todo o capítulo também com as vicissitudes que estamos a enfrentar. *Don* Giussani diz na conclusão do capítulo oitavo: "Jesus

Cristo não veio ao mundo para se substituir ao trabalho humano, à liberdade humana ou para eliminar a prova humana [...]. Ele veio ao mundo para chamar o homem ao fundo de todas as questões, à estrutura fundamental e à sua situação real. De facto, todos os problemas da prova da vida que o homem é chamado a resolver complicam-se, em lugar de se dissolverem, se determinados valores fundamentais não forem salvaguardados. Jesus Cristo veio chamar o homem à *religiosidade* verdadeira, sem a qual é mentira qualquer pretensão de solução" dos problemas humanos. Aqui *don* Giussani oferece-nos um critério para verificar se estamos a enfrentar os problemas que temos de maneira justa, os desafios que temos diante e que não podemos evitar. "Jesus Cristo veio chamar o homem à *religiosidade* verdadeira, sem a qual é mentira [não é que usa meios termos: "é mentira"] qualquer pretensão de solução" dos problemas humanos. *Don* Giussani indica na religiosidade verdadeira e na dependência vivida o critério de juízo e de solução dos problemas humanos. Que responsabilidade e que função derivam para cada um de nós na situação histórica e cultural italiana atual, na qual assistimos à tentativa da parte do poder, da política e dos média de deturpar a ideia cristã do homem e da família, impondo desde os primeiros anos de vida uma educação (veja-se a educação nas escolas da ideologia do gênero)? Evidentemente está totalmente em contraste com a verdadeira religiosidade e com a concepção de liberdade que dela deriva. É um tema escaldante, há alguém aqui que não tenha ouvido falar destes desafios? Os jornais e a televisão estão cheios disto. Então cada um pode ver de que maneira este capítulo lhe foi útil para responder a este desafio porque de outro modo – primeiro – não perceberemos de que forma este capítulo responde à pergunta "Quem é Jesus?", e em segundo lugar, este capítulo seria reduzido a "espiritualidade celina", mas depois para responder aos desafios que temos diante teríamos de utilizar outros meios, outros instrumentos. Por isso quero responder com calma, para nos ajudar a enfrentar tais questões.

LEITURA DO TEXTO DA PÁGINA UM DA *PASSOS*, Março 2014

Apontamentos da intervenção de Julián Carrón na Diaconia regional do CL - Milão, 25 de Fevereiro 2014.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar dia 26 de Março, quarta-feira as 21:30. Continuaremos o trabalho com o nono capítulo, "Diante da pretensão".

O tempo da Quaresma e o tempo da Páscoa foram sempre para a Igreja uma ocasião privilegiada para olharmos para quem é Jesus, o que é que fez, para que a nossa vida seja mais humana, mais verdadeira e mais feliz. Os Exercícios Espirituais assim como os dias da Semana Santa para o CLU e Liceus, *don* Giussani qui-los para nos acompanhar neste trabalho. O convite a participar é uma oferta à liberdade de cada um.